

Em função de uma atualização de conteúdo ocorrida logo após a publicação da edição impressa a Lumen Juris decidiu disponibilizar para os leitores o adendo abaixo.

4.3 A Síndrome de Asperger

Tendo em vista as recentes publicações de documentos relacionados à pesquisa do Dr. Hans Asperger, psiquiatra austríaco que trabalhou em diversas frentes de pesquisa em hospitais psiquiátricos infantis durante a dominação nazista e, levando-se em consideração a ideologia do III Reich, é necessário que se faça um adendo a este capítulo.

Asperger definia a “psicopatia autista” de uma maneira muito mais ampla do que Kanner, ele mencionava que os indivíduos tinham limitação dos relacionamentos sociais e da comunicação. Para os ideais nazistas o comportamento de acordo com o grupo era fundamental, para isso era importante as pessoas apresentassem espírito comunitário, sociabilidade. Asperger descreveu seus pacientes como tendo deficiência, distorção dessa característica. Em outros casos procurou evidenciar as “habilidades, inteligência especiais” dos indivíduos que ele identificou.

No artigo publicado pelo médico, há descrições de crianças que tinham dificuldade de se integrar socialmente em grupo, com características semelhantes às descritas por Kanner, mas denominando o estado delas como “psicopatia autística”. O autor relatava que essas crianças tinham um isolamento social, a intelectualidade preservada, maior capacidade de comunicação verbal, mas empatia empobrecida, tendência à fala prolixa ou incoerente, linguagem, às vezes, tendentes a formalismos e interesses restritos.

Ainda sobre as características descritas e atribuídas a esse diagnóstico, diz Gilberto de Lima Garcias:

Podem expressar interesse em fazer amizades e encontrar pessoas, mas seus desejos são invariavelmente frustrados por suas abordagens desajeitadas e pela insensibilidade em relação aos sentimentos e intenções das demais pessoas e pelas formas de comunicação não literais e implícitas que elas emitem (por exemplo, sinais de tédio, de pressa para deixar o ambiente e necessidade de privacidade)¹.

¹ GARCIAS, Gilberto de Lima. Genética do Autismo. *In*: SCHMIDT, Carlo (Org.). **Autismo, educação e transdisciplinaridade**. Campinas: Papirus, 2013, p. 73.

Os estudos de Asperger foram divulgados, internacionalmente, na década de 1980 pela psiquiatra americana Lorna Wing. Em 1994 a Associação Americana de Psiquiátrica, classificou pelo DSM-IV, a *Síndrome de Asperger* como um quadro psiquiátrico, diferente do Autismo, pois, dentre as características apresentadas pelos indivíduos, que estão igualmente nas mesmas três áreas do desenvolvimento observadas nos quadros de Autismo, também incide uma condição de alta funcionalidade. Seriam indivíduos que têm a inteligência considerada normal ou acima da média, mas que apresentam uma grande dificuldade de interação social. Com a revisão do Manual de Diagnósticos, no DSM-V de 2013, a Síndrome de Asperger passou a ser englobada pelo TEA e passou a ser considerada uma forma branda de Autismo.

Hoje não se usa mais o diagnóstico “Síndrome de Asperger”. As características identificadas tais como a falta de reciprocidade emocional ou social; os padrões restritos de comportamento; os interesses restritos ou estereotipados; a falta de habilidade em interagir com os pares; a pobre apreciação da trama social com respostas socialmente impróprias; a fala peculiar com alteração de prosódia, som, altura, com interpretações literais; expressão corporal desajeitada; expressões faciais limitadas ou impróprias; o apego a rotinas autoimpostas ou impostas por outros e a obsessão por assuntos específicos estão relacionadas ao Transtorno do Espectro do Autismo.

Para se ter uma ideia da variação de comportamentos, dentro do Espectro há casos em que a fala está presente desde os primeiros anos da criança, há uma boa capacidade de memorização e interesse pelas pessoas, porém há dificuldade em estabelecer relações interpessoais, por conta de conversas restritas, demonstrando que não há preocupação com o interesse do interlocutor. A linguagem pode ser inapropriada e seu linguajar pedante. Na fase da adolescência, esses indivíduos estão mais suscetíveis à depressão pois, tendo consciência de suas inabilidades, se cansam de tantos anos de tentativas frustradas de se relacionar e fazer amizades².

Conforme as descrições expostas, as formas apresentadas pelo diagnóstico de Transtorno do Espectro do Autismo têm características semelhantes, mas, ainda assim, possuem uma grande variedade de padrões.

É de extrema importância o conhecimento das características constantes do amplo espectro do autismo, pois os responsáveis pelas políticas públicas de educação e saúde precisam saber exatamente como ele funciona, quando e como é encontrado e as reais necessidades desse grupo. A divulgação de informações corretas sobre o TEA é necessária inclusive para que todas as instituições e órgãos públicos tenham pessoal orientado para bem atendê-los.

² PERISSINOTO, Jacy. Linguagem e comunicação nos Transtornos do Espectro do Autismo. In: SCHWARTZMAN, Jose Salomão; ARAUJO, Ceres Alves de (Orgs.). **Transtornos do Espectro do Autismo**. São Paulo: Memnon, 2011, p. 202-207.

Bibliografia

Sheffer, Edith. Crianças de Asperger: as origens do autismo na Viena nazista. Tradução de Alessandra Bonruquer, 1ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2019.